
RAÇA PURA

Virginia Sales Gebrim*

DIWAN, Pietra. *Raça pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. 159p.

Em seu livro, *Raça Pura*, a historiadora Pietra Diwan revela a constituição histórica da eugenia no mundo, trazendo à tona as relações entre os conceitos científicos e a ideologia dominante nos séculos XIX e XX.

È na Inglaterra, no final do século XIX que a eugenia nasce, se estruturando nos Estados Unidos e se espalhando por toda a América, no século XX. A idéia da eugenia, proposta pelo médico inglês Francis Galton no século XIX, trazia uma forte inspiração nas teorias de Charles Darwin, que havia lançado a “origem das espécies”.

Pois é, quem imaginava que a eugenia começaria por aí? Na nossa vã filosofia o grande mentor da ideologia da raça pura teria sido Adolf Hitler, que inclusive, promoveria a idéia de que a raça ariana era uma raça “superior”. Ocorre que, como mostra a autora, a história não foi esta. A teoria de Darwin, a seleção natural das espécies, na qual os mais fortes é que sobrevivem, foi um argumento muito utilizado pelos eugenistas o destino dos “mais fracos” já estava previsto: não sobreviveriam.

Os eugenistas, como mostra a análise de Diwan, defendiam a idéia de que os “bem-dotados biologicamente” deveriam ser encorajados, estimulados por meio de programas governamentais, a se unirem, a se reproduzirem, pois isto provocaria, cada vez mais a disseminação de pessoas “saudáveis”, bem-dotadas, do ponto de vista biológico. Por

outro lado, havia uma espécie de pressão para desestimular a união de pessoas consideradas “inferiores, como ocorreu nos Estados Unidos, no concurso” *Fitter Families*”. As famílias eram postas a inúmeras provas, a fim de serem avaliadas do ponto de vista físico e mental. Como prêmio dado as bem sucedidas neste concurso era dado a medalha da “boa herança”.

E o Brasil? Como revela a autora, um dos exemplos destas idéias estava nos trabalhos promovidos pela Sociedade Eugênica de São Paulo. No seu quadro estavam presentes nomes como Franco da Rocha - fundador do hospital psiquiátrico do Juqueri) e Dr Arnaldo Vieira de Carvalho –um dos fundadores da faculdade de medicina.

Outro nome bastante conhecido por sinal, o escritor Monteiro Lobato foi um participante ativo do movimento eugenista no Brasil. Monteiro Lobato, ao criar o Jeca Tatu, descrito inicialmente como “parasita”, pretendia criticar o sertanejo, o homem que vivia no campo. Posteriormente, este Jeca Tatu seria promovido: a vítima de um país atrasado.

Exemplos como estes fazem da leitura desta obra uma boa oportunidade para que, ao penetrarmos na história da “limpeza da raça”, possamos refletir sobre as condições do mundo na atualidade, onde persistem e avançam as idéias discriminatórias e segregacionistas, como justificativa para as desigualdades sociais.

* Doutora em Psicologia da Educação. Professora no Departamento e na Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás. *E-mail*: virginiagebrim@uol.com.br